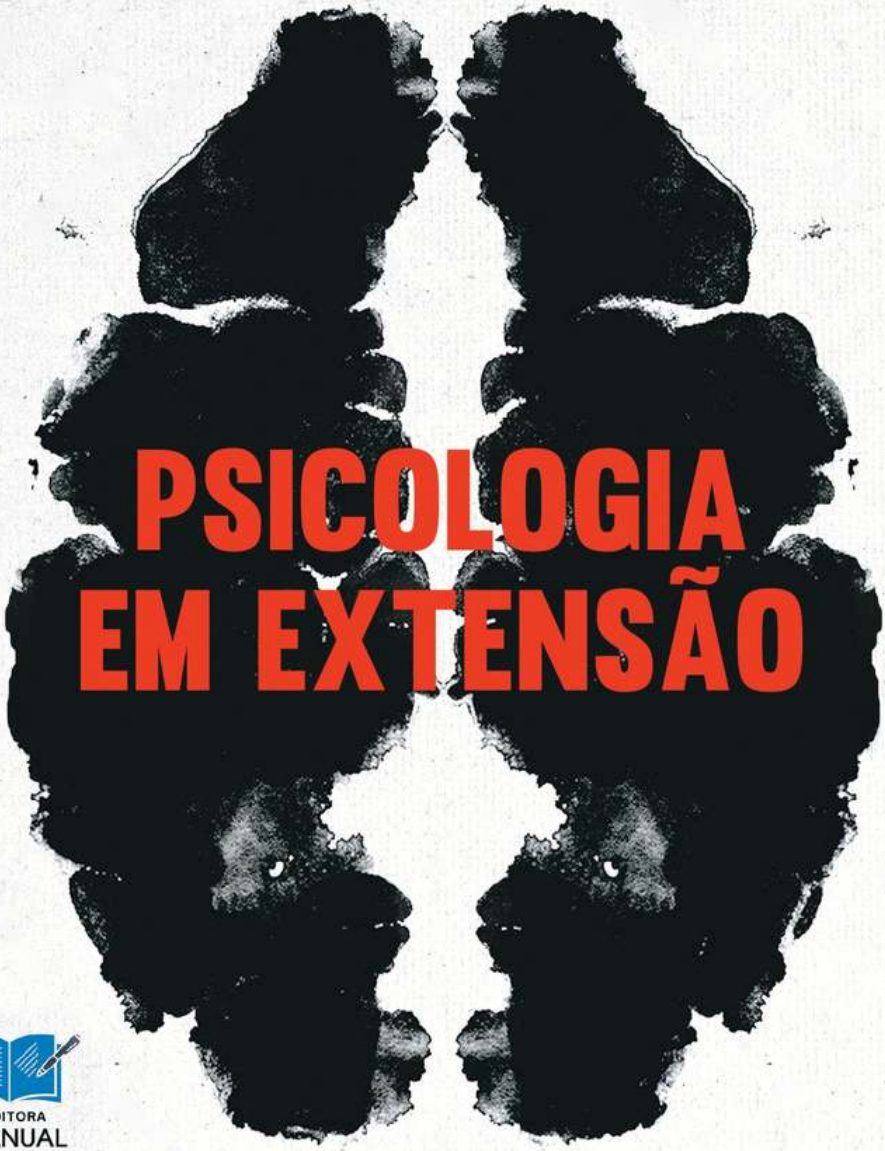
ORGANIZADOR
GABRIEL ARRUDA BURANI

PSICOLOGIA EM EXTENSÃO



EDITORA
MANUAL

PRÁTICAS EXITOSAS DA CURRICULARIZAÇÃO
DA EXTENSÃO EM GRADUAÇÃO DE PSICOLOGIA

GABRIEL ARRUDA BURANI
(ORGANIZADOR)

PSICOLOGIA EM EXTENSÃO
PRÁTICAS EXITOSAS DA CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO EM GRADUAÇÃO DE PSICOLOGIA

1ª Edição

Editora Manual
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Psicologia em extensão [livro eletrônico] : práticas exitosas da curricularização da extensão em graduação de psicologia / organização Gabriel Burani. -- 1. ed. -- Cariacica, ES : Editora Manual, 2024.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-981790-6-9

1. Divulgação científica 2. Extensão universitária 3. Psicologia I. Burani, Gabriel.

24-209530 CDD-150

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia 150

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Obra publicada em maio de 2024.

CAPÍTULO 5

DINÂMICAS GRUPAIS VOLTADAS A JOVENS FREQUENTADORES DE UM ABRIGO NO MUNICIPIO DE ITAPETININGA-SP

Camila Pereira de Barros[1]; Leonardo Barros Phols[1];

Tatiana de Almeida Brochado[1]; Yasmim Maria da Silva Carneiro[1]

RESUMO

A Curricularização da Extensão (Resolução MEC 07/2018) transparece a necessidade da aproximação entre teorias e práticas do futuro profissional com a comunidade durante a graduação. O projeto prescrito foi constituído através da temática que abrange o âmbito da relação intrapessoal entre os menores e a equipe multidisciplinar pertencentes à Casa Lar no município de Itapetininga/SP. Tendo como demanda principal a agressividade, as dinâmicas realizadas obtiveram como embasamento o fortalecimento do respeito e limites saudáveis que contribuem para uma interação mais frutífera entre os participantes. A autoestima também foi um objetivo a ser fundamentado durante o projeto, uma vez que a autoimagem se faz indispensável na integração e desenvolvimento psíquico do ser humano na fase entre infância e adolescência. Em síntese, indivíduos pertencentes à esta categoria social necessitam, de forma global, do olhar sensibilizado e compreensivo da comunidade. A escuta, o acolhimento e a capacitação trazem à tona a constituição das possibilidades de ser enquanto

[1] Graduando em Psicologia pela Universidade do Sudoeste Paulista (UniFSP) – Campus Itapetininga

indivíduo na medida em que a liberdade de escolha se faz presente durante o processo.

Palavras-chave: Extensão, Agressividade, Autoestima, Adolescência, Comunidade.

ABSTRACT

The Extension Curricularization (MEC Resolution 07/2018) transpires the need to bring theories and practices of future professionals closer to the community during graduation. The prescribed project was constituted through the theme that covers the scope of the intrapersonal relationship between minors and the multidisciplinary team belonging to Casa Lar in the municipality of Itapetininga/SP. With aggressiveness as the main demand, the dynamics carried out were based on strengthening respect and healthy limits that contribute to a more fruitful interaction between participants. Self-esteem was also an objective to be based on during the project, since self-image is essential in the integration and psychic development of human beings in the phase between childhood and adolescence. In summary, individuals belonging to this social category need, globally, the sensitized and understanding look of the community. Listening, welcoming and training bring to light the constitution of the possibilities of being as an individual to the extent that freedom of choice is present during the process.

Keywords: Extension, Aggressiveness, Self-esteem, Adolescence, Community.

INTRODUÇÃO

A visibilidade dos trabalhos de ação social demanda estratégias de vários campos profissionais, entre os quais a Psicologia Social

Comunitária ocupa lugar de destaque devido sua trajetória de construção junto as dinâmicas comunitárias, ao mesmo tempo enfrenta desafios na realização de seus trabalhos perante a estrutura sistêmica em que a sociedade pertence (CAMPOS, 2014).

Martín-Baró (1989, 1990) aponta que o problema central da discussão sobre o papel do psicólogo não está apenas na intenção subjetiva deste a respeito de sua prática, do seu "quefazer" (*quehacer*). Todavia, antes se situaria em questionar "...para onde vai, levado por seu próprio peso, o quefazer psicológico? Que efeito objetivo a atividade psicológica produz em uma determinada sociedade?" (Martín-Baró, 1990, p. 57). Assim sendo, é importante que estes profissionais reconheçam seu compromisso social perante a realidade em que estão inseridos. Os psicólogos devem se posicionar mediante as maiorias populares (definida pelo autor como a população pobre, oprimida e desprovida de direitos na sociedade) para protegê-los.

Lane (2016) e Martín Baró (1996), defendiam que o papel do psicólogo visava a compreensão dialética sobre o que acontece na vida concreta das pessoas e que fossem guiados pelo fenômeno comunitário. Ao enfatizar, em verdade já se delineavam alguns dos fundamentos das práticas da Psicologia Comunitária e da Psicologia Social Comunitária latino-americana, da maneira como compreende-se hoje. Tais fundamentos referem-se aos processos de conscientização e de participação na rede de relações no contexto comunitário. Os desafios dos processos de conscientização e participação comunitária estavam ligados no que fazer e como fazer, e o que é feito para potencializar os

processos de organização, mobilização e participação das comunidades dirigidas e suas necessidades.

Martin-Baró (1996) indaga que os psicólogos devem produzir a conscientização, ou seja, auxiliar as pessoas a superarem sua identidade alienada, pessoal e social ao transformar as condições opressivas de seu contexto. A violência enquanto uma arma para paralisar as lutas revolucionárias só enfatiza o quão este problema é estrutural do sistema na qual a sociedade está introduzida. A distribuição desigual dos bens disponíveis é uma violação dos direitos humanos, isso torna muitos com pouco, e poucos com muito.

Devido à má estruturação, à falta de recursos básicos e principalmente, à desigualdade presente no Brasil, algumas famílias vítimas do setor crítico de pobreza são levadas a decisão de abandonar seus filhos ou simplesmente optam por ir embora e desistem de suas responsabilidades, isso ocorre, de formas divergentes, desde os primórdios. No período imperial, crianças e adolescentes pobres em situações de abandono que não estavam infringindo nenhuma lei, eram de responsabilidade total da Igreja, que possuía grande influência sobre o Estado. Essas crianças eram classificadas como "órfãos e expostos da roda", e quando bebês eram deixadas numa espécie de abertura no muro dessas instituições, sendo impossível reconhecer quem as deixava, porém, algumas crianças não sobreviviam por muito tempo, em decorrência de maus tratos persistentes nesse local (TRINDADE, J., 1999).

Antes da propagação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), as instituições que abrigavam esses indivíduos eram os

orfanatos. Entretanto, ainda não se via um conjunto de normas que desse total assistência para esse grupo específico, apenas um "código de menores" na qual a função era punir essas crianças ou adolescentes que cometiam alguma infração. Logo, poderiam, de alguma forma, ser facilmente desamparados. Com o desenvolvimento do ECA em 1996 - principal marco legal e regulatório dos direitos das crianças e adolescentes cujo objetivo é garantir direitos fundamentais de sobrevivência, desenvolvimento pessoal e social, integridade física, psicológica e moral, além de protege-los - descrevendo todos os direitos e deveres em leis objetivas, tornou-se mais claro qual era o dever da sociedade, pais e estado perante esses indivíduos, aumentando o cuidado para garantir uma criação digna e acolhedora, evitando tampouco o abandono em maiores proporções (SOUZA, 2016).

Com a criação do ECA em julho de 1996, as crianças e adolescentes passaram a ser vistos como sujeitos portadores de direitos, criando o sistema de acolhimento atual, que tem como objetivo a reintegração familiar de origem ou a inserção em uma família substitutiva (SOUZA, 2016).

Por sua fragilidade inerente à condição de pessoas em desenvolvimento biopsicossocial, são as crianças e os adolescentes os mais atingidos pelo aumento da pobreza no país. As condições de pobreza associadas à escassez de assistência às famílias têm como consequência o enfraquecimento da conexão entre os responsáveis e as crianças e jovens, aumentando gradativamente a população infantil nas ruas das grandes cidades. Muitas vezes, acaba por não se tratar de rejeição, negligência ou abandono por parte dos pais biológicos, mas

sim de estratégias desesperadas de sobrevivência após a falha na procura de recursos dentre a comunidade. É imprescindível que a sociedade e, também os psicólogos saibam detectar as desavenças sofridas pela família ou comunidade e agir a tempo para que não chegue em situações extremas como o abandono. Os psicólogos não devem atender apenas as minorias da classe média e alta, mas sim as maiorias populares que compõem a classe baixa, visto que, esse seria um dos passos mais importantes para começar esta luta revolucionária que compreende incluir a todos os mesmos direitos descritos pela ONU (Organização das Nações Unidas).

Segundo Freire (1970), a conscientização baseia-se em mostrar ao sujeito porque está sofrendo, e a melhor forma de conduzir esse processo é a educação. A educação não é somente aprender a ler e escrever, é sobretudo, aprender a ler a realidade e ter a liberdade de escrever a própria história. Deste modo, este Projeto tem como objetivo ensinar crianças e adolescentes a ler a realidade através da educação artística, visando a melhoria no desenvolvimento cognitivo, fortalecimento de laços e renovação da autoestima. É importante para que o indivíduo conheça sua história e faça de extrema relevância sua subjetividade, aproveitando todo o poder que a arte tem sobre os sentimentos, sensações e expressões sob quem a executa.

Os ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) constituem-se em uma agenda que deve ser pautada até 2030. A ODS 4 tem como objetivo “assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos” (p. 13). Em síntese, até 2030 é necessário garantir que todas

as crianças e jovens tenham acesso à educação igualitária, de qualidade e universidades com preços acessíveis, assegurando a inserção ao meio social e comercial do trabalho. Indubitavelmente, esse deve ser o intuito da população mundial, pois os jovens farão o futuro do globo.

Posto que haja dificuldades perante as realidades encontradas e a vulnerabilidade presente em instituições de adoção, a arte será de suma importância para que tais crianças e jovens tenham a oportunidade de expressar-se priorizando, ainda que de forma inconsciente, sua individualidade.

De acordo Coutinho et al. (2014), a aplicação de dinâmicas em grupo apresenta resultados positivos e otimistas, ampliam a comunicação, a sensibilização e a expressão do indivíduo. Logo, proporciona o desenvolvimento do autoconhecimento, estimula os pensamentos e ocasionam confiança e solidariedade. Tampouco, houve insigne modificação no humor, na irritabilidade, na ansiedade das crianças presentes no projeto. Tornaram-se sujeitos mais corajosos com a melhoria da autoestima, mais generosos e afetuosos (provavelmente por considerarem os envolvidos como figuras de apego).

O processo de institucionalização pode ocasionar diversas situações de risco, como separação da figura de apego, dificuldade no progresso da condição psíquica, visto que em alguns casos, o sujeito tende a diminuir sua disposição à socialização pelo seu histórico vivenciado, o que seria prejudicial para um desenvolvimento saudável das crianças e adolescentes pertencentes a este grupo. A intervenção grupal em casas lares seria de insigne notoriedade, tendo em vista que a criação de uma ampla visão demonstrando que a existência destes

sujeitos é de extrema importância e que sempre terão possibilidades de fazer a diferença em suas atitudes futuras, seja uma interessante forma de desencadear mecanismos para o autoconhecimento dos jovens.

O Projeto tem como finalidade indagar o autoconhecimento a partir de dinâmicas grupais. Isto é, o ato de expressar-se em diversificadas dinâmicas e poder ter um espaço de escuta possibilita ao indivíduo separar um momento para si e para o autocuidado (REIS, 2014). Conforme os ideais da Psicologia Social Crítica, é a população que dá o tom para que os estudos ocorram, por isso a comunidade precisa ser ouvida antes de subjugada, provendo suas necessidades e prioridades a princípio. De maneira concisa, é necessário utilizar a práxis (FREIRE, 1970), ou seja, compreender os dois lados e coincidir a teoria com a prática sem inferiorizar as comunidades tornando-as dependentes da indagação do projeto.

A abordagem da Psicologia utilizada neste projeto é a Psicanálise com o objetivo de expor algumas teorias de Freud para compreender condições psíquicas/sociais e desenvolver a possibilidade de reestruturar situações nocivas à consciência.

A Psicanálise surgiu em 1890 após a criação de uma teoria da subjetividade – na qual explanou-se que o indivíduo possui um campo psíquico, uma personalidade única, formando assim, a subjetividade - a fim de solucionar e ressignificar desavenças anteriormente progredidas, que fazem parte da história e da individualidade do ser humano. Para a Psicanálise, o autoconhecimento leva a uma percepção maior da realidade e, assim, é possível filtrá-la com maior compreensão. Em síntese, pode ser usufruída como um instrumento de desenvolvimento

da autoestima pois proporciona o indivíduo a olhar para dentro de si mesmo e compreender as condições que determinam e delimitam sua personalidade.

Desta forma, uma criança que possui a chance de ampliar sua psique – mesmo que de forma inconsciente - torna-se um jovem com grandes possibilidades de reinventar e ressignificar sua própria existência. Um jovem que possui insigne autoconhecimento, uma boa percepção de sua autoimagem e prioriza sua opinião, não é facilmente manipulado pelos demais ao seu redor, logo, é possível haver a progressão de um empoderamento feminino. Com o crescimento do projeto é possível que os jovens mantenham uma postura mais crítica, mais centrada em seus objetivos particulares pois, ao saber quem são, ninguém tira deles suas convicções.

DESENVOLVIMENTO

Visando a integração e acolhimento dos adolescentes e profissionais presentes, no primeiro encontro foi realizado uma dinâmica na qual todos ficaram em roda, a partir disso os adolescentes começaram a jogar a bola para um segundo colega, quem estivesse com a bola na mão falaria um pouco de si, o nome, a idade, o hobby ou aquilo que sentir vontade de falar, sem uma ordem, deixando a dinâmica aberta para que os participantes se expressassem.

No segundo encontro, o enfoque foi na importância da empatia, a princípio explicamos o significado da palavra e em seguida partimos para a dinâmica, estimulando uns aos outros a praticá-la. Os

adolescentes tiveram acesso a fichas com palavras positivas, uma pessoa por vez se levantou, pegou uma (ou mais) ficha da sua escolha e distribuiu para um ou mais colegas, expressando de forma dinâmica o que sente por ele(a). Os adolescentes tiveram a liberdade de explicar ou até mesmo falar um pouco mais sobre a escolha.

No terceiro encontro estimulamos e falamos um pouco sobre os sonhos. Os adolescentes tiveram acesso a revistas e jornais, a partir disso foi pedido para que eles recortassem o que achavam interessante, o que gostariam de comprar um dia, o que desejariam ter, depois disso fizemos uma roda para compartilharmos as escolhas.

No terceiro encontro estimulamos e falamos um pouco sobre os sonhos. Pedimos para que eles escrevessem os sonhos numa folha e que guardassem em um lugar seguro que tivessem acesso, concluímos com uma roda na qual cada um pode expressar aquilo que escreveu no papel.

Ao decorrer dos encontros pedimos feedback das crianças e adolescentes sobre as dinâmicas, permitindo que eles expressassem os seus interesses, para que a partir disso os novos encontros pudessem ser estruturados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, o objetivo do grupo para com os menores era possibilitar expressão de seus sentimentos e ter um momento de descontração durante a rotina do dia a dia, por isso, a cada encontro, uma dinâmica era preparada para que eles se divertissem e ao mesmo tempo pudessem refletir sobre tais acontecimentos, como, por exemplo,

o respeito pelo que o outro sente, a projeção de futuro, etc. Durante as atividades as crianças se comportavam de forma agitada e de difícil organização. Notava-se a dificuldade na concentração e o entendimento de regras de cada dinâmica, refletindo, de tal modo, o ambiente interno de cada indivíduo. É evidente que o comportamento violento era rotineiro entre os indivíduos institucionalizados. O uso frequente de palavras de baixo calão também era perceptível. Notava-se que as crianças mais novas, que acabavam de chegar à instituição, modificavam seus comportamentos de acordo com o tempo, copiando atitudes negativas dos mais antigos.

A falta de perspectiva de futuro era clara, como um dos indivíduos mencionou em uma reunião sobre profissões, que ainda não tinha escolhido uma carreira porque não imaginava ter um futuro em que pudesse fazer essa escolha. Muitos até mesmo demonstravam, indiretamente, a certeza de que não seriam adotados. No entanto, as dinâmicas de mediação de conflitos e convivência em grupo tiveram efeito positivo. Foi evidente que isso levou a uma reflexão e os fez pensar sobre suas atitudes.

Ao decorrer dos encontros, notou-se a presença de um comportamento comum entre os jovens: a agressividade. Este comportamento pode ser compreendido e visto de diversas formas e por diversos contextos. O nosso intuito enquanto estagiários sempre foi entender a subjetividade e a individualidade de cada criança e adolescente e quais seriam os motivos para que este comportamento se tornasse natural naquele ambiente.

Nota-se que dentro da realidade que eles vivem a individualidade de cada criança e adolescente é ignorada, como se todos fossem a mesma pessoa e tivessem o mesmo destino. Os meninos precisavam portar-se como meninos – culturalmente dizendo –, eram repreendidos se dançassem ou fizessem algo que era visto como feminino. É como se não pudessem ser quem realmente gostariam de ser e expressar, dificultando as fases da infância e da adolescência. As regras impostas indevidamente acabavam se tornando, por vezes, um aliciador de problemas, mas que poderiam ser delimitadas de forma natural, a fim de trazer a sensação de um ambiente acolhedor e de pertencimento, não de uma "prisão".

Por outro lado, foi possível denotar o grande número de crianças com diferentes idades e poucos cuidadores, as atividades planejadas na Instituição não parecem comportar esta diversidade, tendo em vista a fragilidade e falta de apoio aos acolhidos e funcionários. Logo, torna-se dificultoso o desenvolvimento das crianças e adolescentes, assim como também o emocional dos demais, por vezes nos deparamos com cenas caóticas e outras felizes, mesmo assim acaba sendo o espaço mais viável na tentativa de se tornar um ambiente para um desenvolvimento saudável.

Visando toda a historicidade individual de cada um, a tarefa de cuidar destes menores não é nada fácil para esses "pais monitores", pois, não existe fórmula mágica ou manual de funcionamento. Foi identificável que é preciso administrar o tempo, paciência, autocontrole e energia nesse ambiente na tentativa de amenizar suas angústias, resgatar parte da infância. Realizou-se intervenções no intuito de

amenizar as situações distintas e inimagináveis vivenciadas por tais sujeitos. A proposta foi estreitar vínculos para que aprendam que há a possibilidade de construir esse vínculo com outras pessoas. Tentamos favorecer o convívio do novo grupo familiar constituído.

Em síntese, durante todo o processo interventivo na Casa Lar do município de Itapetininga – SP, foi possível observar a melhoria na qualidade das relações interpessoais entre os participantes e monitores. Ainda que de forma minuciosa, tornaram-se mais respeitosos diante das figuras de autoridade da Instituição, lidavam com mais compreensão perante as desavenças e regras delimitadas para o convívio saudável. As dinâmicas foram atribuídas tendo como ênfase o desenvolvimento e fortalecimento da autoestima de um modo geral, na concretização da sensopercepção e do pensamento crítico, do vínculo social e afetivo, e, primordialmente, no respeito e estabelecimento de limites positivos. Quanto aos alunos, é interessante identificar uma postura mais crítica, centrada em seus objetivos profissionais, visando a riqueza referente à esta insigne experiência, uma vez que a teoria e a prática se fizeram presentes durante toda etapa do Projeto de Extensão.

O fortalecimento das relações sociais e tomada de consciência exerceu todas as expectativas iniciais: com a minuciosa e sucinta construção da afetividade, da confiança e credibilidade, foi perceptível as mudanças relacionadas aos comportamentos das crianças dentre suas interações e, tampouco, com os alunos atuantes no Projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

KAREN, C.; TOLENTINO, B.; SANTOS, C.; SOUZA, F.; BORGES, C. **Se expressando através do lúdico: relato de um processo de elaboração de uma dinâmica em um grupo de crianças.** Revista Digital. Buenos Aires, 2014.

MARTIN-BARÓ, I. **O papel do psicólogo**. Estud. Psicol.; Natal, 1997. Vol.2, n.1.

REIS, A. C.; **Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo**. SciElo, 2014.

TRINDADE, J.; **O abandono de crianças ou a negação do óbvio.** SciElo, 1999.